

A Carta aos Romanos e a questão da imigração

The Letter to the Romans and the issue of immigration

Eduardo Hoornaert*

Recebido: 15/12/17
Aprovado: 31/03/18

Resumo:

Ao longo da história do cristianismo, grandes inteligências se debruçaram sobre a Carta aos Romanos. Basta recordar aqui as leituras famosas de Agostinho (século V), que vê na Carta uma confirmação de sua doutrina do pecado original (Rm 5), de Anselmo de Cantuária (século XI), que nela enxerga a doutrina do sacrifício de Cristo em benefício de toda a humanidade (Rm 3,21-26) e de Lutero (século XVI), que nela se baseia para afirmar que *o justo se justifica pela fé* (Rm 1,17) e combater uma igreja baseada em indulgências, romarias e devoções. Decerto, essas leituras históricas não podem ser descartadas, mas mesmo assim é bom ficar atento ao fato que elas, em sua maioria, são baseadas numa leitura *fora do contexto*. Retira-se uma frase, por vezes uma expressão ou mesmo uma palavra, e com isso se procura enfocar um determinado problema contemporâneo do comentarista, sem prestar a devida atenção à contemporaneidade e intencionalidade própria do autor de Romanos.

Palavras-chaves: Carta aos Romanos, Paulo, imigração, Roma e Movimento de Jesus.

* Eduardo Hoornaert é historiador e autor de diversas obras na área de história da Igreja. E-mail: e.hoornaert@yahoo.com.br. Blog www.eduardohoornaert.blogspot.com.

Abstract:

Throughout the history of Christianity, great intelligences have focused on the Letter to the Romans. It is enough to recall here the famous readings of Augustine (5th century), which sees in the Letter a confirmation of his doctrine of original sin (Romans 5), by Anselm of Canterbury (11th century), who sees in it the doctrine of Christ's sacrifice for the benefit of all mankind (Romans 3,21-26) and Luther (16th century), which is based on it to affirm that *the righteous is justified by faith* (Romans 1,17) and to fight against a church based on indulgences, pilgrimages and devotions. Certainly, these historical readings cannot be ruled out, but even so, it is good to be aware of the fact that they are mostly based on an *out-of-context* reading. You remove a phrase or sometimes an expression or even a word, and in this way one tries to focus on a certain contemporary problem of the commentator, without paying due attention to the contemporaneity and intentionality proper to the author of Romans.

Keywords: Letter to the Romans, Paul, immigration, Rome and Jesus' Movement.

1. Roma, uma cidade de imigrantes.

No tempo do surgimento do cristianismo, Roma é uma encruzilhada de povos. O bispo Irineu, no século II, escreve acertadamente: *para lá tudo converge*. Cidade de perto de um milhão de habitantes (um número enorme para a época), a Capital do Império é o local para onde se dirigem imigrantes, principalmente provenientes das províncias orientais, em busca de trabalho. Em Roma se fala grego, uma língua adotada pelos que vêm da Síria, da Ásia Menor, da Capadócia, do Egito e dos diversos países em torno do Mar Mediterrâneo. Pois o grego de Roma é como o inglês hoje: uma língua mal falada (a *koinè*), mas que possibilita a comunicação entre as *nações*. Só na administração, no exército e entre os imigrantes provenientes da África se fala latim.

A influência de Roma sobre esses povos das províncias nunca foi construtiva, como nos lembra do historiador inglês Toynbee. Roma nunca apresentou ideias realmente novas, nunca teve carisma, sempre manipulou, dominou, imperou. A verdadeira vida cultural e espiritual provém das cidades-estados do Oriente, como Atenas, Antioquia, Alexandria, Éfeso, Corinto, Esparta, etc. Cidades helenizadas, decerto, mas onde pulsa a vida dos povos originários. Roma apenas traz o patriarcalismo (*patria potestas; pater familias*), a *Paz Romana* (a paz como ordem imposta, tranquilidade dos submissos, sob o jugo dos poderosos) e o famoso *Direito Romano*, indispensável para que a Paz Romana possa fun-

cionar. Um direito não baseado na democracia grega, mas de caráter corporativista, patriarcal e autoritário.

2. Entre o luxo e o lixo.

A sociedade romana, sem classes no sentido atual da palavra, funciona através do *apadrinhamento*. Para sobreviver, é preciso ter um *padrinho*, do qual se espera receber favores. O próprio estado romano é um grande e beneficente padrinho, que escolhe seus apadrinhados. O número fechado dos que são beneficiados em Roma com distribuições gratuitas de pão e circo (*panem et circenses*) é restrito a não mais de 200.000 pessoas, ou seja, 20% da população da megacidade. Os demais são os chamados *humildes*: escravos, libertos, infames (pessoas sobre as quais não convém falar em ambientes bem-educados, como gladiadores, bestiários, dançarinos, cantores, prostitutas, mulheres, crianças), cardadores (que cardam a lã e o linho), sapateiros, pisoeiros (que trabalham nos moinhos de pisar os panos e os couros), carpinteiros, os que estão no curtume. Eles vivem nas estreitas e fedorentas *insulae* (favelas) da grande cidade. Pois, como se diz, para viver em Roma é preciso abrir os olhos (para contemplar os esplendores de templos e palácios) e tapar o nariz (para poder suportar o fedor). É preciso, sobretudo, reprimir o sentimento do coração ao ver o abandono em que vive a imensa maioria. Roma vive entre o luxo e o lixo. Para gostar de Roma, é preciso manter o coração insensível diante dos sofrimentos do *povo profano e vulgar* e não interferir nos mecanismos que fazem funcionar a sociedade: dinheiros públicos drenados para mãos privadas, ganhos oficiais investidos em grandes propriedades de terra, a taxa regressiva, que cai com enorme peso sobre os ombros dos artesãos, comerciantes e agricultores, enquanto os ricos praticamente não pagam impostos.

3. O movimento de Jesus em Roma.

O cristianismo emergente é um dos ingredientes do *caldeirão romano*, um conglomerado de diversas correntes (chamadas, em grego, *heresias*) que se formam em torno de mestres apreciados. Nas décadas 130-160, por exemplo, em Roma convivem seguidores de Valentino, que vem do Egito, de Marcião, proveniente da Capadócia, de Taciano da Mesopotâmia e de Justino da Palestina. Ireneu é de Esmirna e é em Roma que Tertuliano, o africano, encontra o montanismo, um movimento proveniente da Frígia.

Não podemos perder de vista que, em Roma, esses militantes das diversas correntes do movimento de Jesus vivem todos *em paróquia*, um termo grego que indica os que vivem sem casa, na rua, entregues à própria sorte. A reação do movimento cristão diante da *paróquia* é explicada pelo historiador Elliott em seu livro *Um Lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da Primeira Carta de Pedro. Naquela carta, atribuída a Pedro, se explica como os seguidores de Jesus vivem seu *tempo de paróquia* (1Pd 1,17), fora de sua pátria, sem cidadania romana (2,11), sem estabilidade, sem segurança. Para essas pessoas, o movimento procura antes de tudo criar um *lar*, um abrigo social, um apoio emocional, uma nova cidadania, um recanto de paz e fraternidade no meio da cidade cruel, uma *casa de Deus para quem não tem casa* (2,11, comparado com 2,18): Deus oferece sua casa aos que não têm casa (2,5 e 4,17). Os que são forçados a viver como *domésticos* (2,18) em famílias bem situadas, encontram na comunidade cristã um aconchego. Ali se sentem em casa, à vontade. A Carta recomenda: *proveitem do tempo de sua paróquia para levar uma vida exemplar no meio dos que não conhecem a Deus* (2,12). Esse modelo *paróquiano* não só funciona em Roma, mas igualmente em Corinto (Carta de Clemente), na Síria (Didaqué e Carta de Tiago), na região do Mar Egeu (Carta a Timóteo), em Alexandria (Carta de Barnabé), em diferentes cidades da Ásia Menor (Cartas de Inácio de Antioquia).

4. Paulo é informado acerca da situação do movimento em Roma.

No ano 54, residindo em Corinto, Paulo se prepara para viajar à Espanha, e pensa passar por Roma onde pretende visitar as comunidades que ali conseguiram se formar. Nisso, recebe a visita de um casal, Áquila e Prisca, que acaba de chegar de Roma e traz as últimas notícias (Rm 16,3-4). A conversa lhe rende muito, pois o casal informa acerca da política do jovem Imperador Nero em relação aos judeus que, alguns anos antes, tinham sido banidos da cidade de Roma por seu padrasto Cláudio. Parece que o novo Imperador quer sinalizar que Roma acolhe sem distinção todas as *nações* (leia: os imigrantes). Contudo, acrescentam Áquila e Prisca, o gesto do novo Imperador não vem acompanhado de nenhum programa social que facilite a integração desses pobres e desamparados, que afluem em grande número à capital. Abandonados à própria sorte, eles vagam por ruas e alamedas, arranjam-se em praças públicas e cometem furtos para sobreviver. Então, as forças de repressão entram em campo e reprimem os imigrantes do Oriente, sob os aplausos dos habitantes bem situados.

Essa situação atinge, dizem Áquila e Prisca, em cheio a congregação de militantes do movimento de Jesus que conseguiu se estabelecer em Roma. Os arranjos de Nero, ao mesmo tempo em que facilitam o afluxo de imigrantes judeus na congrega-

ção de Jesus, aumentam nela determinadas tensões internas já existentes. Acirra-se o tradicional desentendimento entre três segmentos de militantes no movimento: judeus que falam aramaico, judeus que se expressam em grego (chamados *hele-nistas*) e não judeus chamados *gregos* ou *gentios*. Por causa de suas experiências no Oriente, Paulo entende perfeitamente essa problemática e percebe, com pesar, que um problema que afeta desde muito o movimento no Mediterrâneo oriental, na Síria e na Ásia, agora se manifesta em Roma também. É um problema endêmico do mundo de imigrantes.

4.1. Paulo toma posição.

As informações fornecidas por Áquila e Prisca reforçam em Paulo a convicção que o movimento de Jesus está assentado em premissas diametralmente opostas aos planos e arranjos da administração do Império Romano. Essa administração pretende difundir a Paz Romana, enquanto o movimento propugna o *universalismo das nações*. O impressionante consiste no fato que um cidadão romano (Paulo de Tarso) se projeta, na Carta aos Romanos, como líder antirromano, ou seja, opositor da ideia da Paz Romana, do Direito Romano, do patriarcalismo romano. Ele entende perfeitamente aonde a administração romana quer chegar quando chama os agrupamentos esparsos de imigrantes em Roma indiscriminadamente pelo termo genérico *nações* (*gentios*). Gregos, frígios, macedônios, gálatas, capadócijs, judeus etc., todos são tratados como sendo parte de *nações* a serem assimiladas pela política unificadora da Paz Romana.

Pois o relacionamento do Estado Romano com esses segmentos da sociedade é basicamente de ordem repressiva. Paulo sabe como vivem as diversas *nações* numa metrópole como Antioquia. Ele compreende que as coisas se passam mais ou menos da mesma forma em Roma. Ele sabe que todas essas *nações* enfrentam basicamente os mesmos problemas, compartilham os mesmos sofrimentos e esperanças. Todas elas vivem *em exílio* (em *paróquia*: Rm 15, 18), muitas vezes sem teto, sem amparo por parte das autoridades e sem segurança. Os imigrantes são normalmente escravos ou servidores subalternos. Paulo compreende que o mais importante, para abrir um horizonte de vida para essas populações sofredoras, consiste em dar às *nações* um senso de coesão, por cima das diferenças. Para Paulo, trata-se de estabelecer um relacionamento dinâmico com o universo dos imigrantes, judeus e não judeus. Nada de discutir assuntos que possam dividir os grupos entre si, nada no sentido de insistir em diferenças entre línguas, religiões, usos e costumes, nada no sentido de defender um segmento (os judeus, por exemplo), em detrimento de outro. Para Paulo, defender as *nações* significa dinamizar a coesão entre todos os grupos de imigrantes. O povo de Deus não é etnia, religião ou língua. É a união existente entre os mais diversos grupos étnicos, linguísticos e religiosos.

4.2. A (oculta) linguagem irônica da Carta aos Romanos.

Paulo não pode falar em termos explícitos do plano que tem em mente, já que a oficialidade romana exerce um controle contínuo sobre o universo dos imigrantes. Ele opta por tomar de empréstimo, dando-lhes um discreto toque irônico, terminologias costumeiras do linguajar palaciano imperial. Ele fala em *Jesus Cristo Nosso Senhor*, uma expressão palaciana que insinua o seguinte: Jesus é o verdadeiro Senhor das nações, não Nero. A recomendação no sentido de *obedecer ao Nosso Senhor Jesus, Ungido, Filho de Deus, nosso Pai* (Rm 15, 18) deixa entender algo assim: *não obedecem ao Senhor Nero, Filho de Deus, Pai das nações. Olhar para Jesus é o mesmo que não olhar para o Imperador.*

Esse modo de interpretar formulações clássicas do linguajar cristão não nos é costumeiro e pode parecer estranho. Mas é acompanhar o que se escreve hoje sobre esse particular, principalmente entre autores norte-americanos, que interpretam Rm a partir da estratégia seguida por militantes de Jesus dentro de grandes cidades do Império Romano.¹

4.3. O universalismo militante.

Numa frase memorável da Carta aos Gálatas, Paulo expressa de forma lapidar o que, em sua opinião, tem de ser o comportamento entre as *nações*: *Não há judeu ou grego, senhor ou escravo, homem ou mulher; somos todos unidos em Jesus, o Ungido* (Gl 3,28).

A frase é de grande ousadia. Numa sociedade em que pessoas do sexo masculino têm a seu serviço um ou mais escravos e *governam* as suas mulheres, falar em *grego, mulher, escravo* é coisa ousada. É confrontar o *forte* (judeu, macho, senhor) com o *fraco* (grego, mulher, escravo). Theissen aprofundou esse tema num texto intitulado *Os Fortes e os Fracos em Corinto* (1987). Ali se vê que o universalismo de Paulo é um universalismo *desordenado* (a expressão é do filósofo esloveno Slavoj Zizek), ou seja, irreconciliável com os ordenamentos da sociedade estabelecida. Um universalismo militante.

É fazendo esse tipo de considerações que descobrimos o tema central da Carta aos Romanos. Ele vai enunciado bem no início da carta, precisamente no versículo 16 do primeiro capítulo: *Não tenho vergonha da mensagem: Poder de Deus que intenciona a salvação de todos que lhe dão fé o judeu em primeiro lugar, mas o grego também.*

Eis o ponto: equiparar judeu e grego, grego e bárbaro (Rm 1,14), sábio e ignorante, com Lei ou sem Lei; circunciso ou incircunciso, observador ou não do sábado, frequentador ou não do Templo. Equiparar todos que *vivem na*

¹ A esse respeito ver, CROSSAN, e REED, 2007, e HORSLEY, 2004.

fidelidade (Rm 1,17). Eis o *leitmotiv*, a ideia que impulsiona. Quem lê a Carta aos Romanos atentamente percebe que os trechos, tão diversificados entre si, em forma de espiral, de diálogo ou de desabafo, na realidade giram todos em torno da questão do universalismo militante. Foi isso que o filósofo francês Badiou nos lembrou em 1997, ao escrever seu livro *Saint Paul, La Fondation de l'Universalisme*.

É a reconciliação (Rm 5,1-11): todas as nações são chamadas por Deus. Mas cada uma a seu modo. Há o modo judeu, que opera por meio da circuncisão, da Lei, do sábado e do *kashkrut*, mas há igualmente o modo grego, ou seja, dos mais diversos povos que compõem a população metropolitana, que opera segundo ditames culturais e culturais próprios. Cada povo segue a *fidelidade* por meio de ritos apropriados à sua cultura. Deus não rejeita cultos e culturas, ele rejeita *a injustiça dos homens que mantêm a verdade prisioneira da injustiça* (Rm 1,18).

Considerações finais

Podemos concluir chamando a atenção para um aspecto importante do ecumenismo de Paulo. Ele recomenda uma postura de *desconsideração* em relação ao que eventualmente possa opor *nação* contra *nação* em termos de raça, religião, nacionalidade, gênero, posição social ou mentalidade. Para Paulo, não adianta discutir esses pontos. Ele não trata de ritos, dietas, observância de dias santos, pureza cerimonial, correta execução de atos litúrgicos, diferentes confissões religiosas, opções sexuais. São assuntos vivamente discutidos na época, mas Paulo não lhes dá importância: *a circuncisão não é nada, o prepúcio não interessa* (1Cor 7,18). Quando lhe perguntam se os *goim* (*gente de fora*, os que não são *filhos da Aliança*, termo traduzido em português por *gentios*) devem ser circuncidados para aderir ao movimento de Jesus, ele responde categoricamente: *não*. O movimento tanto comporta circuncisos como incircuncisos. Um seguidor de Jesus trata da mesma forma quem pertence ao *am berit* (povo eleito) e quem é *goi*, ou seja, não é *filho de Abraão*. *O Ungido derrubou o muro* (entre as nações); *não é a circuncisão ou a não circuncisão que tem importância, mas o ser na nova criação* (Gl 6,15-16). Quem é da *nova criação* desconsidera discussões legalistas, rituais, litúrgicas, religiosas. Discussões que não levam a nada e só servem para opor entre si pessoas, nações, culturas.

Referências bibliográficas:

- BADIOU, A. *Saint Paul, La Fondation de l'Universalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- CROSSAN, J. D. e REED, J.L. *Em Busca de Paulo*. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ELILLOT J. H. *Um Lar para quem não tem Casa*. Interpretação sociológica da Primeira Carta de Pedro. São Paulo: Paulinas, 1985.
- HORSLEY, R.A. *Paulo e o Império*. São Paulo: Paulus, 2004.
- THEISSEN, G. *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, pp. 133-147.